

# AS MANIFESTAÇÕES DO ESPORTE EM TEMPOS ATUAIS: UMA REFLEXÃO DIALÉTICA

CARTIER, Eduardo<sup>1</sup>

ZOBOLI, Fabio<sup>2</sup>

A crise paradigmática evidenciada por Marinho de Oliveira (1985) na década de 1980, trás consigo toda uma argumentação no sentido de clarificar a os (des) caminhos da Educação Física até aquele momento. O paradigma biologicista reinante até então fazíamos vislumbrar o esporte no contexto da Educação Física somente sob as lentes da fisiologia, da biomecânica e do anatômico tudo em prol de uma formação de atletas campeões.

A crise traz para “dentro das quadras e campos” da Educação Física as ciências sociais e humanas para dialogar com os pressupostos até então dominantes. Inaugura-se uma era conturbada, pois ambas as ciências – as naturais e as humanas – começam uma guerra de relações de poder onde, muitas vezes, ao invés do diálogo e das conexões, criam-se hierarquias científicas para justificar a maior ou menor importância de cada uma das áreas.

Num salto histórico, percebemos que neste início de milênio esta suposta crise encontra-se ainda bem caracterizada em nossas práxis pedagógicas, bem como nas instituições de ensino que oferecem condições de formação acadêmica, e não obstante reflexões e possibilidades de operacionalizações das mais diversas matrizes teóricas no âmbito da realidade empírica.

O diálogo com as mais diversas matrizes teórico/epistemológicas permite compreender sem sombra de dúvida os rumos da Educação Física na atualidade, e de certa forma prospectar as condições de desenvolvimento desta no futuro. Um exercício dificultoso na medida

---

1 Professor de Educação Física Doutor da Universidade Regional de Blumenau - FURB e do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí - UNIDAVI

2 Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe - UFS

em que cada campo de estudo/conhecimento possui em seu cerne reflexões e/ou concepções de natureza idealista, filosófica e porque não repetir de relações de poder que balizam e determina os campos de investigação em qualquer área do saber.

Compreendemos que as relações de poder no âmbito da produção acadêmica e posteriormente na operacionalidade de se fazer Educação Física, possibilita uma práxis pedagógica, quando desenvolvida numa perspectiva unidimensional e hegemônica, que não oportuniza aos atores envolvidos condições reais de refletir acerca dos seus objetos e objetivos em questão. E isto tem possibilitado ao longo da história uma reprodução sistemática dos modos de se fazer Educação, em nosso caso explicitamente Física.

Em meio a estas premissas básicas localizamos o esporte como um dos componentes da cultura corporal de movimento desenvolvido no âmbito das práxis da Educação Física. O esporte, assim como a dança, a luta, a ginástica e o jogo são manifestações culturais de práticas corporais. Aqui neste texto queremos dar foco ao esporte por estarmos sentindo a proximidade de dois grandes eventos no Brasil: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

O debate acerca disto no contexto da Educação Física é sempre de extrema relevância para o tipo de esporte que queremos desenvolver, e certamente que tipo de localização queremos dar o esporte em nossa sociedade.

Compreendendo a práxis esportiva na atualidade - e por sua vez todo o mecanismo intrínseco em seu desenvolvimento - como uma ferramenta para o fortalecimento do processo de alienação social e ideológica percebemos algumas possibilidades relacionais que permitem observar sua estrutura de organização social que traduz o desenvolvimento da sociedade como um todo.

Toda a práxis é uma relação dialética e material, ou seja, corporalmente material, e ao utilizar o esporte para o adestramento e domesticação corporal mantém-se ativa a condição de sobrepujança notavelmente desejada pela sociedade competitiva e capitalista.

Estas premissas são oriundas de observações e reflexões de natureza histórica em que a atual crise nos modos de produção no

mundo capitalista tende a produzir. Faz-se necessário, a partir disto, a elaboração de estratégias que permitam ao indivíduo se identificarem criticamente neste cenário de práxis.

Neste texto procuramos desenvolver uma proposta de reflexão acerca de três posições que consideramos hegemônicas e paradigmáticas no esporte, na medida em que condicionam toda uma organização e sistematização do desenvolvimento do mesmo na atualidade que vai desde a produção do conhecimento nos cursos de Educação Física – graduação e pós-graduação – até a operacionalização deste na realidade social e seus mecanismos de fomento e de inserção social.

As posições que merecem discussão em nosso ensaio são estruturalmente assim desenvolvidas:

Primeiramente a utilização do esporte centrado na produção, na competitividade e no individualismo em detrimento das condições de coletividade, primazia fundamental em uma reunião coletiva acerca de determinados objetivos.

Posteriormente desenvolvemos o esporte de rendimento desenvolvido na escola, buscando uma relação ou conflito deste tipo de práxis que consideramos – sim isto é um posicionamento – alienante e determinista.

Finalmente desenvolvemos o esporte em tempos modernos, em que o ser humano se rende a condição de máquina a serviço do capital, embora saibamos da condição histórica socialmente produzida.

#### A UTILIZAÇÃO DO ESPORTE CENTRADO NA PRODUÇÃO, NA COMPETITIVIDADE E NO INDIVIDUALISMO

O esporte hoje se caracteriza como um fenômeno social de extrema relevância para a formação integral e humanizadora. Contudo, a utilização tendenciosa do fenômeno esportivo caracteriza muitas vezes os aspectos mercantilistas e reprodutivos da sociedade hodierna.

A esportivização da Educação Física parece trilhar esses determinantes, afinal é nela que os burocratas da área se apoiam. O esporte em si continua vivo, é um dos fenômenos socioculturais de maior importância para o ser humano, podendo ser pedagogizado,

ideologizado e vendido como produto descartável através de poderosas estratégias de marketing (SADI, 2002).

Para Betti (1999) o processo de esportivização iniciado na década de 1950, com o Método Desportivo Generalizado, atingiu seu auge a partir da década de 1970, em que a binômia Educação Física /Esporte ganhou força e repercussão, chegando o governo a subordinar a Educação Física escolar ao esporte.

O esporte institucionalizado favorece a função comparativa do movimento. No sentido do sistema, trata-se, principalmente, do aumento de rendimento do movimento humano. Todos os esforços são dirigidos ao objetivo de sobrepujar e chegar em primeiro lugar - vencer - no sistema (STRAMANN, 2005).

No âmbito da sua repercussão social Bracht e Almeida (2003) sinalizam que o esporte é um gigantesco fenômeno social, político e financeiro, cada vez mais presente no cotidiano da população, em que não é equivocada a declaração de que o esporte é um dos fenômenos mais expressivos da atualidade.

Dentre as práxis da Educação Física, o desporto se configura como sendo em grande parte pautado nas ciências biológicas. É ele também uma práxis que tem laços estreitos com os valores do capitalismo e do sistema de produção econômica.

O atleta que deve suportar a dor numa competição ou num treinamento está fadado ao utilitarismo do sistema de produção tal qual o trabalhador de fábrica que tem seu salário descontado quando falta para levar sua esposa grávida ao médico. O atleta, o trabalhador e tantos outros personagens sociais estão em grande parte reduzidos à sujeição econômica no sistema de produção.

O ser humano - corpo/mente - transformou-se em mercadoria, ao lado das outras mercadorias. O desporto emerge tão só dos subsistemas do capitalismo, ele também não passa de uma espécie de mercadoria, à imagem do que se passa com o próprio corpo e mente do sujeito que o pratica.

Para ilustrar esta situação trazemos ao texto Sérgio (2003, p. 12) que ao discutir sobre a analogia existente entre capital e desporto faz a seguinte reflexão:

Não é o atleta de alta competição um trabalhador que vende ao clube a que pertence sua força de trabalho? Não é ele também humilhado e ofendido quando põe em risco a sua saúde, através de anestésias locais, que escondem, por poucas horas, lesões ósseas e musculares, de alguma gravidade?

Nos treinamentos e prátis desportivas realizadas no contexto dos programas de Educação Física, o ser humano, muitas vezes, é vítima de uma ética sem sujeito na qual seu corpo/mente tem sido cada vez mais orientado e dirigido pelas leis de competição e mercado. A vida deve ser o bem maior e ela deve determinar como deve acontecer o processo de competição. Não se pode deixar que a vida se adapte e se sujeite às exigências e caprichos da competição que têm na “medalha” seu maior objetivo. Sobre isso, percebam como há um prazer extra corporal.

Nos valores do processo competitivo, por vezes, o respeito à corporeidade, a honestidade e outros atributos são valores secundários. O que importa é o quanto o sujeito é capaz de produzir. Desta forma, o mesmo fica reduzido a sua capacidade de *performance*.

A busca exacerbada da quebra de limites humanos através da competição demonstra um corpo sujeito á ideais de vitória, e isso, na maioria das vezes, deixa como secundária, a reflexão crítica e ética sobre o próprio existir humano, reduzindo assim a saúde à capacidade de rendimento – diminuindo sobremaneira a dimensão existencial da mesma. A estrutura da competição, organizada em torno dos seus fins, prende-se muito a melhor forma de dar resultados a seus objetivos, independentemente dos demais interesses e valores das condições de ser corpo.

Na competição desmesurada é sempre o profissional do desporto a principal vítima. “Será por acaso que muitos dos praticantes do desporto altamente competitivo findam suas carreiras com moléstias que os vão acompanhar para o resto de suas vidas? (SÉRGIO, 2003, p. 31)”. Após trazer esta relevante reflexão Manuel Sérgio cita que

a cultura desportiva, como sistema coletivo de conhecimento e de conduta, deve estimular o agente do desporto ao respeito pelos outros e por si mesmo! “A preservação da saúde é um dos aspectos que o atleta deve a si mesmo e aos seus adversários (SÉRGIO, 2003, p. 31)”.

Alves (*in* Bruhns, 1986, p. 41), ao falar de Educação Física e de seus modos de tratamento na relação: corpo e desporto faz uma reflexão importante, cita ele que:

Quanto a mim, valorizo o sono tranquilo, coisa que nunca se celebrou nas Olimpíadas, mas que deveria ser um dos grandes direitos universais dos seres humanos. Poucas pessoas, neste mundo, irão jamais correr os 100 metros rasos, porém todos têm que dormir... Mas não me consta que coisas relativas ao dormir bem se encontrem nos currículos da Educação Física. Talvez porque não se considere que o corpo dormindo seja corpo.

Ainda Alves (*in* Bruhns, 1986, p. 37), refletindo sobre os mundos e os corpos que se escondem nos discursos e práxis da educação física, faz os seguintes questionamentos: “Que melodia esta prática arranca deste órgão mágico que se chama corpo? Que valores se celebram? Que visões de amor?”. Pensando acerca destes questionamentos a educação física precisa rever continuamente os seus valores, afinal, ancorados neles que ela irá fundar sua ética. É preciso deter-se no humano elaborando uma crítica aos modos com os quais ela vem sendo concebida e tratada pelas práticas do desporto.

Relacionando o esporte com a história da Educação Física, percebemos a tradução deste fenômeno social e também a tradição de produzir corpos adestrados a serviço de uma minoria esmagadora detentora do capital. Para Santin (1992) a Educação Física é longa e conhecida na dedicação de fabricar corpos disciplinados e submissos. Em duas áreas sua eficiência foi demonstrada com maior empenho. Na formação de corpos guerreiros e na formação de corpos atletas. Moreira (1995) também evidencia a exigência de ritmo padronizado, com a visão de corpo útil e disciplinado no cumprimento de ordens, com a idéia de levar vantagem mesmo que para isso fosse necessário o menosprezo do corpo do outro.

Esta maneira de pensar o esporte caracteriza a natureza e perspectiva histórica das formas de organização social em que os mais diversos dispositivos sociais se relacionam e estabelecem conexões que vão desde o ensino formal ao senso comum.

Para Dominguini e Ortigara (2009) a organização social é produto da condição material e da ação humana, em determinado momento histórico. Compreender as formas de organização social dos modos de produção e propriedade permite uma melhor compreensão dos caminhos que a educação trilha atualmente na perspectiva de uma sociedade capitalista.

Os mesmos autores supracitados asseveram ainda que o modo de produção de uma determinada forma de organização social é dado pelas forças produtivas e pelas relações de produção existentes. São os modos de produção que diferenciam os vários tipos de sociedade que tivemos.

Necessita-se urgente de uma compreensão crítica por parte de todos envolvidos nas condições objetivas do esporte, e sem dúvida a educação é um dos caminhos mais oportunos e seguros.

Para Mészáros (2005) o papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a auto mudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente.

## **ESPORTE DE RENDIMENTO DESENVOLVIDO NA ESCOLA**

O esporte de maneira geral segue um procedimento de atuação bastante conhecido de nossa experiência docente. Desenvolvido fundamentalmente no ensino escolar, ele é sistematizado a partir das condições oferecidas pelo sistema de ensino historicamente produzido, que se estabelece de modo a permitir o ingresso do educando no cenário esportivo utilizando preponderantemente a realização dos fundamentos do jogo, bem como seus aspectos táticos de operacionalização.

Para Molina Neto et. al.; (2006) o tecnicismo nega os determinantes sociais, pois tem como princípios a racionalidade, a eficiência e a

produtividade e os sujeitos são produtos desejáveis pela sociedade capitalista e industrial. A contribuição da Educação Física neste viés está na preparação de indivíduos competentes para mão de obra especializada, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas embasadas por conteúdos objetivos e mensuráveis, descartando assim qualquer sinal de subjetividade.

Para Oliveira e Cartier (2008) a Educação Física, notadamente até a década de 1970, utilizou-se de execuções padronizadas, movimentos mecânicos e estereotipados, em ritmos uniformes, sendo que a partir da década de 1980, muitos profissionais de Educação Física passaram a criticar tais princípios, fazendo com que surgissem propostas progressistas contextualizadas, centrada nas relações humanas e conscientes da sua história como construção coletiva.

Greco e Benda (2001) sinalizam que o método de processo □ aprendizagem □ treinamento baseia-se na repetição de gestos técnicos com pouca visão pedagógica, metodológica, educacional e formativa, sendo que o que muda é a intensidade dos exercícios. Para estes autores ainda, os métodos de ensino tradicionais levam a uma aprendizagem restrita, pois os educandos não conseguem incorporar o conhecimento teórico: limitados à apresentação prática do professor, são simples executantes de gestos e técnicas, de forma mecânica e automatizada.

Faz-se necessário neste sentido a ressignificação do esporte a partir de outras possibilidades e diversificações de atividades que permitam ao indivíduo condições de, primeiramente, compreensão do jogo e posteriormente de uma compreensão sobre o esporte e do seu processo dentro metabolismo social.

## **O ESPORTE EM TEMPOS ATUAIS**

Bourdieu (1983) destaca que a reunião de pessoas para a prática de jogos populares além de conferir a seus praticantes certa “distinção” dos demais participantes dos grupos sociais a que pertenciam, servia como importante elemento de socialização das normas e comportamentos que eram aceitos e legitimados pelo grupo social ao qual pertenciam.

O esporte, nos moldes como o compreendemos hoje, teve seu início a partir da esportivização de elementos da Cultura Corporal das classes

operárias, produzida pela Revolução Industrial na Europa dos séculos XVIII e XIX (BETTI, 1993).

Essa maneira como se “conhece o esporte”, além de deixar os sujeitos limitados porque na televisão prevalece à imagem do esporte rendimento, pela superficialidade das informações, além de outros fatores, acaba tirando a oportunidade de experimentar à prática do esporte (PIRES, 2002).

O esporte moderno se caracteriza como um fenômeno de renovação cultural e, através de um processo de mundialização e homogeneização de suas práticas entre diversas sociedades, permanecem em constante transformação (GEBARA, 2002).

O esporte se constitui um processo de socialização bastante tenso e contraditório. Tenso e contraditório na medida em que o caráter da sobrepujança se manifesta a cada exacerbação do binômio vitória/derrota e a partir de uma possibilidade de construção social elaborada coletivamente pelos atores sociais.

Para alguns o esporte se caracteriza como uma ferramenta poderosa a serviço dos interesses de uma minoria dotada de capital e para outros uma possibilidade de emancipação social e humana em tempos de uma sociedade tecnológica e tecnocrática. Neste sentido, as ilações acerca deste fenômeno são demasiadamente intensas, necessárias, constantes e por sua vez fundamentais para a compreensão deste inserido intencionalmente no metabolismo social.

No âmbito da academia percebemos discussões que vão desde sua constituição formal/organizacional até nos modos de produzir o esporte – metodologias de ensino, afinal este se caracteriza como um conteúdo significativo no que tange a Educação Física formal e informal, ou seja, a discussão nesta área é longínqua e até hoje se estabelece de extrema valia, tendo em vista os variados caminhos que este conteúdo assumiu tanto na escola quanto fora dela.

Kunz (1991) salienta que o esporte não é um fenômeno natural e sim, fruto da sociedade industrial moderna, reproduzindo, portanto, o proposto por esta sociedade no tocante as ideologias e a imagem de ser humano.

Para Stramann (2005) o esporte é uma construção histórica social em transformação, vindo de várias contribuições determinantes, ou seja, com diversas possibilidades e características. Na mesma linha Böhme (2003) identifica que a compreensão do conceito do fenômeno esporte é atribuída a mudanças históricas, não sendo, portanto, a mesma em todos os tempos e culturas da história da civilização humana.

Sem dúvida alguma o esporte é o maior conteúdo desenvolvido nas aulas de Educação Física no ensino escolar. A força deste conteúdo se manifesta nas mais diversas formas de compreensão deste no âmbito de sua operacionalização. Explorar as melhores condições de desenvolvimento das capacidades e habilidades motoras, estratégias de inserção social, manifestação de expressão corporal e compreensão da realidade empírica são algumas das possibilidades expressas no simples fato de praticar e desenvolver esportes.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É inegável a contribuição do esporte na formação humana do indivíduo e as possibilidades que este oferece de compreender o mundo, de estar numa condição de pertencimento social, de vivenciar a diversidade nas melhores condições de aprendizagem social, ou seja, na práxis humana e principalmente na possibilidade de desenvolver a autonomia prática e a superação das condições materiais na realidade empírica. Contudo, desenvolvemos a idéia de que todo o ser humano possui uma condição de aprendizagem que deve ser respeitada, logo o oferecimento de espaços propícios para tal se faz necessário e oportuno.

Para Bento (2007), o esporte de excelência e de alto rendimento vem passando progressivamente a ser uma prática aberta a todas as pessoas e idades e a todos os estados e condição física e sociocultural, podendo ser praticado com as mais distintas finalidades, sejam elas para a saúde, recreação, lazer, aptidão, estética, reabilitação entre outros. Apesar de toda a discussão acadêmica que vem sendo travada desde a década de 1980, em crítica a um modelo esportivista e biologista da Educação Física dando origem a diferentes concepções pedagógicas, muito precisa ser feito e produzido a respeito da pedagogia do esporte, pois a visão do esporte de rendimento ainda prevalece em nossa sociedade, tanto nos espaços formais de ensino; escolas; como nos não-formais; escolinhas de esporte e clubes, sendo este por último.

Para Paes (2006) espaços em que se destacam alguns problemas, como aqueles que priorizam o ensino do esporte com ênfase em habilidades específicas com o objetivo de formação de atletas, em que os resultados em curto prazo são a principal meta.

Diversos autores têm discutido o esporte, e evidenciam que a relação esporte-Educação Física escolar, operando em suas discussões críticas sobre a forma como o esporte adentra a escola; a forma e os motivos como se constitui no único conteúdo das aulas de Educação Física, chegando mesmo a ser confundida com a própria Educação Física; os sentidos e significados transmitidos no ensino do esporte na escola; as relações professor-aluno balizadas pelo esporte de alto nível (de rendimento); enfim a forma como o esporte foi e está sendo tratado (hegemonicamente) nas aulas de Educação Física nas escolas (FERREIRA, 1984; MARINHO DE OLIVEIRA, 1985; TAFFAREL, 1985; BRACHT, 2000; COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Oliveira e Cartier (2008) sinalizam que as discussões de cunho reflexivo rompem com a visão até então predominante de corpo máquina para propor práticas corporais que vão ao encontro da superação e emancipação do ser humano, e que esta proposta luta contra a exclusão e a alienação nas aulas de Educação Física, porque neste paradigma excludente o sujeito cognoscente, não se apropria dos meios de produção e sim, apenas do produto final.

Para Bracht (2000) quando se aborda a criticidade e a refletividade na Educação Física, e dentro dela o esporte, não se pretende abandonar o movimento em favor da reflexão, nem tampouco apenas agregar teoria à prática, mas reconstruir a própria forma do movimentar-se. A armadilha consiste no entendimento da Educação Física como atividade eminentemente prática, o que também colabora para impedir a reflexão teórica em seu interior.

A construção de outras propostas permite o debate que problematizem a formação de professores no que tem a ver com concepções e práticas culturais, políticas, acadêmicas dessa formação, tendo em conta, ao menos três focos desta problematização.

Neste sentido pactuamos com Kunz (1991), quando este assevera que a prática pedagógica deve ser repensada, de modo a propiciar aos

educandos significados, formas de refletir e agir de modo autônomo levando-os a se emancipar, estabelecendo relações com o seu dia-dia através do agir comunicativo, fazendo-os perceber que fazem parte do processo de construção histórico-social da sociedade.

A prática educativa é uma prática social que encontra suas explicações na própria prática do ser humano e na ação criadora da prática social coletiva, por isso, o fenômeno educativo deve ser abordado para além das suas características superficiais simples e gerais, dos seus determinantes cronológicos e quantificáveis e das suas relações causais apenas explicadas pelos seus estágios anteriores (ESCOBAR, 2007).

Sob este viés, podemos pensar o esporte não simplesmente pelo desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, mas todo o seu contexto de operacionalização, de modo a tornar este fenômeno não excludente e alienante aos domínios do capital.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. O corpo e as palavras. *In*: BRUHNS, H. T. (org.) **Conversando sobre o corpo**. pág.17-42. Campinas, SP: Papyrus, 1986.
- BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.7, n.2 p.44-51, 1993.
- BETTI, I.C.R. **Esporte na Escola: mas é só isso professor**. Motriz, vol. 01, n° 01, pág 25-31, junho / 1999.
- BENTO, J. O. Em defesa do desporto. *In*. Bento, J. O. e Constantino, J. M. **Em defesa do Desporto: mutações e valores em conflito**. Coimbra: Almandia, 2007.
- BÖHME, M. T. S. **Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília v. 11 n. 3 p. 97-104 jul./set. 2003.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRACHT, V. Educação física e Ciência: cenas de um casamento (in) feliz. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 1, setembro de 2000, p. 53 – 6.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F, Q. a política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio 2003.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DOMINGUINI, L.; ORTIGARA V. Educação e Formação humana: um debate histórico ontológico. **EccoS Revista Científica**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 509-528, jul./dez. 2009.

ESCOBAR, M.O. **A Produção de conhecimento em Educação Física e o Materialismo Histórico Dialético como método**. Disponível em: [http://www.faced.ufba.br/destaques/micheli\\_ortega.htm](http://www.faced.ufba.br/destaques/micheli_ortega.htm). Acesso em 07 de maio de 2007.

FERREIRA, V.L.C. **Prática da Educação Física no 1º grau: modelo de reprodução ou perspectiva detransformação?** São Paulo. IBRASA, 1984.

GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. pág.5-27.

GRECO, P, J.; BENDA, R, N. (org) **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. ed. UFMG. Belo Horizonte: 1998. Coleção Aprender.

KUNZ, E. **Educação Física: Ensino e mudanças**. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

OLIVEIRA, C. M.; CARTIER, E. Refletindo a Educação Física a luz das tendências progressistas em Educação Física. In: **Congresso de Humanidades, Ciências e Educação - Universidade: Articulado Ciência e Educação**, 2008, Criciúma.

OLIVEIRA. V. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

MÉSZÁROS, I. 2005. **A educação para além do capital**. São Paulo, Boitempo, 77 p.

MOLINA NETO, V. et al. Reflexões sobre a produção do conhecimento em educação física e ciências do esporte. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, campinas, v. 28, n. 1, p. 145-165, set. 2006.

MOREIRA, W. W. Corpo presente num olhar panorâmico. In: Wagner Wey MOREIRA (org.) **Corpo presente**. Campinas, São Paulo: Papyrus, p. 17-36, 1995.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: Especialização Esportiva Precoce. In: TANI, G; BENTO, J. O. PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PIRES, G. L. **Educação física e o discurso midiático abordagem: abordagem crítico emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002, 336 p. (Coleção Educação Física).

SADI, Renato Sampaio. Regulamentação da educação física: a face podre da burocracia. In: ALMEIDA, Renan de (Org.). **Os bastidores da regulamentação do profissional de educação física**. Vitória, ES: UFES/ Centro de Educação Física, 2002.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: Wagner Wey MOREIRA (org.), **Educação física e esporte: perspectivas para o século XXI**. Campinas, São Paulo: Papyrus, p. 51-69, 1992.

SÉRGIO, M. **Algumas teses sobre o desporto**. Coleção: Educação Física e Desporto/teoria. Lisboa: Editora Compendium, 2 ed. 2003.

STRAMANN, R. H. **Textos Pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**, 3ªed, Ijuí - Unijui, 2005.

TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade nas aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.